

Recebido em nov. 2014  
Aprovado em dez. 2014

## O INCONSCIENTE E A PSICOLOGIA DE NIETZSCHE

MARIA HELENA LISBOA \*

### RESUMO

A filosofia de Nietzsche tem como proposta pensar a vida em todas as suas manifestações uma vez liberta da moral, posto que desde Platão ela se encontra aprisionada nas malhas da Verdade, do Bem e do Belo, por isso a alcunha “além do bem e do mal”. Sua psicologia será, portanto, uma ferramenta para devolver ao homem a imanência perdida desde os filósofos Pré-socráticos, a exemplo de Heráclito de Éfeso, nos descaminhos da transcendência. O texto pretende desenvolver esta proposta anti-metafísica.

### PALAVRAS-CHAVE

Inconsciente. Psicologia. Consciência. Niilismo. Moral.

---

\* Prof. Titular de Filosofia Geral do Departamento de Filosofia do IFCH/UERJ.

### **RESUMÉ**

La philosophie de Nietzsche a comme proposition penser la vie dans toutes ses manifestations une fois libre de la morale, quoique dès Platon elle se trouve apprivoisée dans les mailles de la Vérité, du Bien et du Beau, pour cela il la nomme “au delà du bien et du mal”. Sa psychologie sera, pourtant, un outil pour renvoyer à l’homme l’immanence perdue depuis les philosophes Pré-socratiques, voire l’exemple d’Héraclite d’Éphèse, dans les détours de la transcendance. Le texte a l’intention de développer cette proposition anti-métaphysique.

### **MOTS-CLÉS**

Inconscient. Psychologie. Conscience. Nihilisme. Morale.

**E**m sua obra, Nietzsche endereça uma crítica à sociedade de seu tempo (séc. XIX), apontando sintomas de decadência e doença, por isso a alcunha de niilista, quer dizer, cultura que tem a *negatividade* como sua principal característica. O termo niilismo vem do latim, onde *nihil* equivale a nada, sendo o modo psicológico da eclosão das forças reativas. Segundo Deleuze, “No niilismo, a palavra, *nihil* não significa o não-ser, mas primeiramente um valor de nada. A vida toma um valor de nada quando ela é negada, quando é depreciada. [...] *Nihil* no niilismo significa a negação como qualidade da vontade de potência”.<sup>1</sup> Por este motivo, para Nietzsche, a história do Ocidente é a história da *vontade de potência* negativa porque a *vontade de potência* afirmativa sempre esteve aprisionada pela crença em um mundo suprassensível constituído por valores absolutos logo superiores, em detrimento de outros considerados inferiores e, com isso, desvalorizando o sensível, o concreto, resumindo-se no anseio de reduzir o mundo àquilo que pode ser conhecido e codificado, simplificado, esquematizado, vale dizer, “corrigido”, igualado e uniformizado através da razão, princípio que se expressa na seguinte afirmação de Nietzsche: “A terra tem uma pele; e esta pele tem doenças. Uma destas doenças se chama, por exemplo: ‘o homem’”.<sup>2</sup>

Nietzsche considera, portanto, a abordagem psicológica dos filósofos errônea no que diz respeito à interpretação do homem, entendido como símile de deus,

<sup>1</sup> Deleuze, G. *Nietzsche et la philosophie*, p. 169.

<sup>2</sup> Nietzsche, F. *Ainsi parlait Zarathoustra*. Trad. Henri Albert, “Des grands événements”, p. 187.

posto que parte de “falsos dados psicológicos”, daí que propõe uma psicologia liberta da moral, das ilusões da segurança em terra firme e uma “psicologia das profundezas” capaz de curar o homem dos males da metafísica o que exigirá “novos médicos da alma”, a exemplo dos pensadores da Grécia arcaica, que como Empédocles de Agrigento afirmava: “E eu fui rapaz e fui donzela, fui planta, fui pássaro e um peixe mudo do mar”.<sup>3</sup> Nietzsche atribui à psicologia um papel proeminente no conjunto do seu pensamento como podemos verificar no seguinte aforismo: “Que em meus escritos fala um psicólogo sem igual é talvez a primeira constatação a que chega um bom leitor – um leitor como eu o mereço, que me leia como os bons filólogos de outrora liam o seu Horácio.”<sup>4</sup>

Walter Kaufmann observa que o próprio Nietzsche se considerava o primeiro grande psicólogo da Europa, isto porque ele tinha uma concepção ampliada da psicologia, uma “grande psicologia”, cujo programa consistia, num primeiro momento, em desconstruir o papel atribuído à consciência pela cultura ocidental: Nietzsche trabalhava com relações de forças, forças essas instintivas, “além do bem e do mal”, “um monstro de forças em conflito”, ativas e reativas, daí não apostar num órgão relativamente novo, de superfície, reativo, posto que cunhado pelo grupo social (“rebanho”),

---

<sup>3</sup> Empédocles de Agrigento, *Sobre a Natureza*. Trad. José Cavalcante de Souza, §117.

<sup>4</sup> Nietzsche, F. *Oeuvres philosophiques complètes*. Trad. Jean-Claude Hémerly. Textes et variantes établis par G. Coli et M. Montinari, tome VIII, *Ecce homo*, “Por que escrevo tão bons livros”, 5.

no entender do filósofo), que se “desenvolveu sob a pressão da necessidade de comunicação”, sendo que esse desenvolvimento está na razão direta da utilidade desta para o grupo social. No aforismo 354 de *A Gaia ciência*, “O gênio da espécie”, Nietzsche nos fala dessa prática observando que se o homem não tivesse necessidade de comunicar os seus sentimentos, não desenvolveria uma linguagem, e sem a linguagem, não precisaria da consciência, órgão cujo foco é a adaptação ao mundo externo: “Consciência é propriamente apenas uma rede de ligação entre homem e homem – apenas como tal ela teve de se desenvolver: o homem ermitão e animal de rapina não teria precisado dela”.<sup>5</sup>

Num segundo momento, reconhece nessas forças instintivas um território ainda inexplorado, primitivo, cruel, que poderíamos cotejar com o que Jung denominou “inconsciente coletivo”, daí, sua proposta para um novo conceito de subjetividade, corpórea, nossa “Grande Razão”, aliado a outra compreensão da racionalidade: o psicólogo Nietzsche coloca “sob suspeita” todos os nossos conceitos e preconceitos buscando, por meio da genealogia como método, múltiplas perspectivas para a compreensão do homem como fenômeno cultural, caracterizando o seu tratamento psicológico da cultura como *fisio-psicologia*.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Idem, opus cit., tome V, *Le Gai savoir. Fragments posthumes* (1881-1882). Trad. Pierre Klossowski, V § 354.

<sup>6</sup> Vale observar que no séc. XIX, a Psicologia Racional (doutrina teórica da alma), era uma parte canônica do saber filosófico, que não poderia ser descuidada pelo filósofo das forças instintivas da psique.

O alvo da crítica nietzschiana era a identificação, ainda existente no séc. XIX, do psíquico com o consciente, também denunciada por Freud que considerava a consciência não como “o atributo mais universal dos processos mentais, mas apenas uma função especial deles”, [...], cuja produção consistiria essencialmente em “percepções de excitação provindas do mundo externo e de sentimentos de prazer e desprazer oriundos do interior do aparelho psíquico”<sup>7</sup>:

Considero, porém, legítimo e apropriado continuar a manter a representação intuitiva dos dois sistemas. Evitamos qualquer abuso desse modo de representação quando nos recordamos que representações, pensamentos, formações psíquicas em geral não devem ser, de modo algum, localizadas em elementos orgânicos do sistema nervoso, porém, por assim dizer, *entre eles*, onde resistências e facilitações formam o correlato que a eles corresponde.<sup>8</sup>

Freud localizava a “sede” da consciência no córtex cerebral, a camada mais externa do órgão central (neoencéfalo), portanto, a mais recente e ainda em desenvolvimento; o cérebro interior nomeado paleoencéfalo, é o mais primitivo na escala animal, sendo o cérebro de animais em extinção como os dinossauros, brontossáurios, mamutes, orangotangos, etc... Ainda há um terceiro cérebro, o rinoencéfalo ou cérebro límbico que o homem partilha com os animais, responsável pelas funções fisiológicas e pelos sentidos,

---

<sup>7</sup> Freud, S. *Além do princípio de prazer*. Trad. Christiano Monteiro Oiticica, p. 31.

<sup>8</sup> Idem, *L'Interprétation des rêves*. Trad. I. Meyerson, Cap. VII.

tendo sua sede nas emoções posto que se descarrega no sistema nervoso simpático e parassimpático: no homem esses dois cérebros se atrofiam, o que não acontece nos animais, para promover sua adaptação ao meio ambiente (olfato e audição aguçados, sono interrupto, estado de alerta). Segundo o psiquiatra de Viena, “Descrevi o tipo de processo encontrado no inconsciente como sendo o processo psíquico “primário”, em contraposição ao processo “secundário”, que é o que impera em nossa vida de vigília normal”<sup>9</sup>, logo consciente.

Agora fica mais fácil compreendermos porque Nietzsche se considerava o primeiro psicólogo da Europa, na medida em que a Psicologia da época não reconhecia a cisão entre as duas instâncias psíquicas, consciente e inconsciente, fundamental para a compreensão dos fenômenos inconscientes, por isso, segundo o filósofo, a psicologia participa do programa crítico da genealogia, fazendo com que a psicologia se torne o “caminho para os problemas fundamentais”<sup>10</sup>, a genealogia permite o diagnóstico sobre a vida: ela é um sintoma de força ou de decadência? Nietzsche observa que:

Toda a psicologia, até o momento, tem estado presa a preconceitos e temores morais: não ousou descer às profundezas [...] A força dos preconceitos morais penetrou profundamente no mundo mais espiritual, aparentemente mais frio e mais livre de pressupostos – de maneira inevitavelmente nociva, inibidora,

---

<sup>9</sup> Idem, *Além do princípio de prazer*, p. 44.

<sup>10</sup> Nietzsche, F. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza, §23.

ofuscante, deturpada. Uma autêntica fisio-psicologia tem de lutar com resistências inconscientes no coração do investigador, tem o “coração” contra si.<sup>11</sup>

Segundo Nietzsche, esses investigadores navegam sobre e *além* da moral: “Jamais um mundo tão *profundo* de conhecimentos se revelou para navegantes e aventureiros audazes”: daí para frente, o psicólogo poderá reivindicar que a psicologia seja novamente reconhecida como a “rainha das ciências”. Nietzsche parodia aqui o fato de que até então a “rainha das ciências” era a teologia, a própria filosofia era somente a sua serva, agora, invertendo essa hierarquia e colocando no lugar da teologia a psicologia, ele derruba de um só golpe a velha metafísica com a transcendência que lhe é correlata e preenche o vazio provocado pela “morte de deus”, conforme o aforismo 125 de *A Gaia ciência*, “O Insensato”:

Vocês ouviram falar do insensato que com uma lanterna em pleno meio-dia, corria na praça do mercado e gritava sem parar: ‘Procuro Deus! Procuro Deus!’ E como lá se encontrava muita gente que não acreditava em Deus, ele suscitou um grande alarido. Ter-se-á perdido? disse um. Ter-se-á desgarrado como uma criança? Disse outro [...] – assim eles gritavam e riam todos ao mesmo tempo. O insensato se precipitou no meio deles e os transpassou com o olhar. ‘Onde está Deus? gritou, eu vou lhes dizer! *Nós o matamos* – vocês e eu!

Contra-pondo-se à postura metafísica, Nietzsche defende outro tipo de imagem do pensamento, um

---

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*.

conceito imagético que fala diretamente ao corpo: “Tudo o que, até agora, era chamado “verdade”, foi desmascarado como a forma mais nociva, mais pérfida, a mais subterrânea, de mentira”<sup>12</sup> [...], pois “O homem é por ele mesmo “informe”, matéria bruta, pedra mal trabalhada que espera um escultor”<sup>13</sup>. Ora, o pensamento trágico nietzschiano é o pensamento como imagem, daí o filósofo instaurar “a vida como obra de arte” que Nietzsche precisamente formula, ora como a “grande política”, o “grande estilo”, ora como a “grande saúde”: “Nós, os novos, os inominados, as gentes difíceis de compreender, [...] precisamos de uma nova saúde, de uma saúde mais forte, mais aguda, mais obstinada, mais intrépida, mais alegre do que qualquer outra que tenha existido: a grande saúde”.<sup>14</sup>

Na intenção de resgatar esta dimensão *trágica* da vida e do pensamento, Nietzsche outorga à arte a tarefa de resgatar a potência do pensamento e a saúde do corpo, “nossa grande razão”, por meio dessa ‘fisiopsicologia’ cuja característica principal é o diagnóstico por meio do corpo: “Por trás dos teus pensamentos e dos teus sentimentos, existe o teu corpo e teu si-mesmo no corpo: a *terra incógnita*. Com que finalidade tu tens esses pensamentos e sentimentos? Teu si-mesmo no teu corpo, *quer*, por esse meio, algo”<sup>15</sup>, isto é, do sentido estético do pensamento e da vida, a vida ativa o

<sup>12</sup> Nietzsche, F. *Ecce Homo*. “Pourquoi je suis un destin”, §8.

<sup>13</sup> Idem, *Ainsi parlait Zarathoustra*, §8.

<sup>14</sup> Idem, opus cit., tome V, *Le Gai savoir. Fragments posthumes* (1881-1882). Trad. Pierre Klossowski, V §382.

<sup>15</sup> Idem, opus cit., *Fragments posthumes* (Été 1882-printemps 1884), 5 [31] 235.

pensamento e o pensamento afirma a vida: “Eu aprendi uma nova crença, vou ensiná-la aos homens: jamais esconder a cabeça nas nuvens, mas mantê-la alta, uma cabeça terrestre criando o sentido da terra!”<sup>16</sup>, daí sua postura se engajar em um projeto de demolição da metafísica Ocidental.

Em consequência disso, seu investimento prima pela substituição da *moral* pela *estética*, porquanto define um cosmos sem finalidade (*telos*), o mundo como jogo (em Heráclito, filósofo Pré-platônico do séc. VI a.C., o “jogo de Zeus”), afirmação do poder de transmutação das forças postas em ação que são forças em luta (*pólemos*), como violação, mas também a destruição é constante (*neguentropia* e *entropia*), não há envolvimento moral nem ideal, o mundo não tem outra justificação senão ele mesmo, daí seu valor *trágico*, a exemplo da criança que brinca à beira da praia, juntando e derrubando montículos de areia. Quando a criança brinca, o objetivo é lúdico, não há qualquer finalidade (teleologia) em seu jogo a não ser o espírito de brincadeira. Ela os constrói e destrói de novo achando graça, arriscando tudo naquela cartada, como num jogo de pôquer; tudo ou nada ou tudo por nada, tanto faz, o jogo de cartas que o mundo joga consigo mesmo.

O conceito nietzschiano de “além-do-homem” (*Übermensch*), em algumas traduções como *super-homem*, tem por objetivo o surgimento de uma política *trágica* que tem na imagem do dançarino sua mais alta

---

<sup>16</sup> Idem, *Ainsi parlait Zarathoustra*, “Des hallucinés de l’ arrière monde”, p. 43.

expressão: “É dançando que sei dizer os símbolos das coisas mais sublimes”<sup>17</sup>, isto porque a dança mediatiza o visível e o invisível, reconciliando os instintos animais e espirituais, duas vitais dimensões da existência, tornando-se *trágica*. A dança é a proposta de Nietzsche/Zaratustra contra a metafísica e a moral, primeiramente a dança da vida, embriaguez dionisíaca que se apresenta como criação/destruição das formas em *A Origem da tragédia* concebida como a relação Dioniso/Apolo; em segundo lugar, como a dança das forças cósmicas que agem e reagem na *Teoria das forças*, a dança de *Shiva Nataraja*, deus Hindu da geração e da transformação cósmica e em terceiro lugar, a dança dos conceitos que, como a vida, são dinâmicos, fluidos e não estáticos, sólidos: “Os homens que se dizem superiores não aprenderam a dançar como é preciso – dançar com os conceitos”.<sup>18</sup> Um pensamento que dança não se subordina a sistemas nem a estruturas estáveis de valores daí, segundo Nietzsche, “Para pensar ser preciso uma técnica, um programa, uma vontade de mestria, o pensamento tem que ser aprendido como se aprende a dançar, como uma espécie de dança [...]: saber dançar com os pés, com as idéias, com as palavras, com a pena”.<sup>19</sup>

Porém, a proposta nietzschiana não diviniza somente a dança, “não conheço nada de que um filósofo goste mais do que ser um bom dançarino”<sup>20</sup>, mas

<sup>17</sup> Idem, “Le Chant du tombeau”, p. 159.

<sup>18</sup> Idem, “De l’ homme supérieur”, p. 430.

<sup>19</sup> Idem, opus cit., tome VIII, v. 1, *Crépuscule des idoles*. Trad. Jean-Claude Hémerly, §7.

<sup>20</sup> Idem, opus cit., tome V, *Le Gai savoir. Fragments posthumes* (1881-1882), V, §381, “De la question de l’ intelligibilité”.

também o riso: “Todas as boas coisas riem”;<sup>21</sup> segundo o filósofo, é preciso saber inclusive rir de si mesmo: “Moro em minha própria casa, nada imitei de ninguém e – ainda rio de todo mestre, que não riu de si também”.<sup>22</sup> Desde sempre o riso expressou a irrupção das forças vitais irracionais, a possessão extática, o sarcasmo, o disfarce, a hipocrisia (não nos esqueçamos que ator em grego se diz *hipókrites*, aquele que usa uma máscara: “Não é pela cólera, é pelo riso que se mata”<sup>23</sup>, afirma o personagem Zaratustra. A animalidade, a loucura, a idiopatia, a bestialidade, o “furor-homicida”, surgem no “bicho-homem” como riso: o riso do descontrole, da incontinência, da humilhação, funcionavam nas cidades gregas como válvula de escape, como regra de equilíbrio da cidade: ele se opõe ao *logos* racional que se representava oficialmente por Apolo ou por Atenas (*Athená*).

Na poesia e na música, a política trágica articula-se por meio das máscaras, o bufão, o poeta e o músico dionisíaco, atores no palco da vida, são ilusionistas no mais alto grau, a arte é “a mais alta potência do falso”, daí que a questão da existência em Nietzsche tome essa feição trágica: o valor de um livro, de uma música ou de um ser humano assenta na possibilidade ou na impossibilidade de serem leves como os pássaros,

---

<sup>21</sup> Idem, *Ainsi parlait Zarathoustra*, “De l’homme supérieur”, p. 428.

<sup>22</sup> Idem, tome V, *Le Gai savoir, Fragments posthumes* (1881-1882), “Inscription au-dessus de ma porte” (Cette épigraphe figure sur la page de titre de l’édition de 1887), p. 19.

<sup>23</sup> Idem, *Ainsi parlait Zarathoustra*, « La fête de l’âne », p. 457.

dançarinos, portanto, ou pesados como a gravidade, carga que a humanidade carrega tendo o seu simbolismo na imagem do camelo e do asno, animais de carga: “E isto é meu alfa e o meu ômega, que tudo o que é pesado se torne leve, que todo corpo se torne dançarino, todo espírito pássaro”.<sup>24</sup> Vale observar que o bailarino conhece o mundo não com a cabeça (a *aranha* da razão), mas com os pés assentados na terra (onde se encontra a terminação dos centros nervosos, zona por isso mesmo extremamente sensível), daí a consideração do filósofo: “Estamos acostumados a pensar ao ar livre, caminhando, saltando, subindo, dançando e acima de tudo nas solitárias montanhas ou na orla do mar, onde estão incluídos os caminhos que se fazem meditativos”.<sup>25</sup>

Consideramos, portanto, a filosofia de Nietzsche como uma proposta de resistência do pensamento àquilo que diminui a vida ao mesmo tempo em que a afirma na sua potência de dança da criação contínua, intensa e nômade: estratégia ao modelo de identidade imposto pelo platonismo, desqualificando a *mimesis* e suas implicações metafísicas que deram origem à filosofia ocidental. O viés pelo qual envereda o filósofo é fazer da vida uma ‘obra de arte’, ponderação dos últimos anos de vida do filósofo: “Por seus cantos e por suas danças, o homem mostra que ele é membro de uma comunidade superior, ele esqueceu a marcha e a palavra, ele está a ponto de voar dançando pelos

<sup>24</sup> Idem, “Les Sept sceaux”, p. 337.

<sup>25</sup> Idem, opus cit., tome V, *Le Gai savoir. Fragments posthumes* (1881-1882), V, §366.

ares. [...] O homem não é mais um artista, se converteu numa obra de arte”<sup>26</sup>; não no sentido da confecção e/ou contemplação da arte das ‘obras de arte’, livre criação formal dos artistas mas no sentido de criar-se a si mesmo como ‘obra de arte’, esculpindo-se, modelando-se como o escultor com o cinzel, o mármore, a madeira, a pedra a fim de criar um *corpo sem órgãos*, corpo-afecção, corpo-labareda percorrido pelos fluxos intensivos do *devir*<sup>27</sup>, conceito artaudiano pré-formado nos textos de Nietzsche. Por *corpo sem órgãos* (CsO) entenda-se o corpo não como organismo (com órgãos), mas como um material artístico, matéria de criação de formas, o que vai identificá-lo com o conceito de *caos*: o posicionamento de Nietzsche se faz pela afirmação de uma pluralidade de forças ao *acaso*, entendendo com isto que “O mundo não é absolutamente um organismo, é o caos”.<sup>28</sup>

Não é por outro motivo que Nietzsche centra no dançarino a sua proposta de desconstrução metafísica: o bailarino cria o espaço com o seu movimento, constituindo um “espaço do corpo”, espaço paradoxal, virtual, posto que investido de forças e afetos que o intensificam expandindo e prolongando os seus

---

<sup>26</sup> Idem, opus cit., tome I, v. 1, *La Naissance de la tragédie. Fragments posthumes*, §1, p. 45.

<sup>27</sup> Por *devir* Deleuze entende uma zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação, a ponto de não poder distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula. O *devir* é sempre em *entre* – é um ser entre dois estados, duas formas, sem que ele mesmo seja uma forma.

<sup>28</sup> Idem, opus cit., tome V, *Le Gai savoir. Fragments posthumes* (1881-1882), III §109, “Mise en garde”.

limites além dos seus contornos visíveis. Um exemplo do que estamos afirmando podemos ter na dança de possessão, transes, dança de *São Vito*, tarantela, *thiaso* dionisíaco, dança dos coribantes adoradores de Cibele, deusa-mãe da região da Frígia, na Ásia menor, onde o próprio corpo se torna a cena da dança como se outro corpo dançasse no interior do primeiro. Na possessão, é o movimento que dança, não há um *eu* a dançar; é o que acontece, também na física quântica ou física das partículas, no nível subatômico, as inter-relações e interações entre as partes do todo são mais fundamentais que as próprias partes, por isso, há movimentos, mas não existem objetos moventes, há atividade, mas não existem atores, não há dançarinos, somente a dança.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Cfr. Capra, Fritjof, “A Ciência, a sociedade e a cultura emergente”, p. 86. In *O Ponto de mutação*. Trad. Álvaro Cabral, 1995.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, M. H. L. **Nietzsche – Espírito artístico**. Londrina: Edições CEFIL, 2003.

\_\_\_\_\_. “A Experiência estética da natureza em Nietzsche e Heráclito”. In **Revista Brasileira de Filosofia**, v. LIII, Fasc. 215, jul/ago/set, São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Trad. Alberto de Campos. Lisboa: Edições 70, 1981. Tradução de *Nietzsche*.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche et la philosophie**. Paris: PUF, 1973.

\_\_\_\_\_. “Sobre a morte do homem e o Super-homem”. In **Foucault**. Trad. Cláudia Sant’ Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

EMPÉDOCLES de Agrigento. **Sobre a natureza**. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, Coleção *Os Pensadores*, 1973.

FREUD, S. **L’Interprétation des rêves**. Trad. I. Meyerson. Paris: PUF, 1976.

\_\_\_\_\_. **Além do princípio de prazer**. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GIACÓIA, O. F. **Nietzsche como Psicólogo**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

GIL, J. **Movimento total. O Corpo e a dança**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Oeuvres philosophiques complètes**. Tome I, v. 1, *La Naissance de la tragédie. Fragments posthumes* (automne 1869/printemps 1872).

Trad. de Michel Haar, Philippe Lacoue-Labarthe et Jean-Luc Nancy. Textes et variantes établis par G. Colli et M. Montinari. Paris: Gallimard, 1977. Traduction de *Die Geburt der Tragödie. Nachgelassene Fragmente* 1869-1872. Édition critique des oeuvres complètes de Friedrich Nietzsche établie d'après les manuscrits originaux de l'auteur et comprenant une part de texts inédits.

\_\_\_\_\_. **Oeuvres philosophiques complètes.** Tome V, *Le Gai savoir. Fragments posthumes* (1881-1882). Trad. Pierre Klossowski. Textes et variants établis par G. Colli et M. Montinari. Paris: Gallimard, 1982. Traduction de *Die fröhliche Wissenschaft* ("la gaya scienza").

\_\_\_\_\_. **Ainsi parlait Zarathoustra** (*un livre pour tous et pour personne*). Trad. Henri Albert. Paris: Mercure de France, 1908.

\_\_\_\_\_. **Oeuvres philosophiques complètes.** Tome VIII, *Le Cas Wagner. Crépuscule des idoles. L'Antéchrist. Ecce homo. Nietzsche contre Wagner.* Trad. Jean-Claude Heméry. Textes et variants établis par G. Colli et M. Montinari. Paris: Gallimard, 1995.

\_\_\_\_\_. **La Volonté de puissance.** Trad. Geneviève Bianquis (Organisé par Friedrich Würzbach). Paris: Gallimard, 1995, 2 vs. Traduction de *Wille zur Macht*.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

SOBRINHO, N. C. de Melo. **Escritos sobre Psicologia. Nietzsche.** Rio de Janeiro: PUC/Loyola, 2013.